

## A paixão de Helena ou aspectos da tradição cristã em *Helena*, de Machado de Assis

Carlos Henrique Peixoto de Oliveira<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/7867984019242544>

245

Lançado em 1876, o romance *Helena*, de Machado de Assis, sempre foi tachado pela crítica como uma obra imatura, escrita quando o autor ainda ensaiava o estilo que mais tarde o consagraria, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). *Helena* então tem sido colocada, ao longo de 142 anos, no limbo das obras escritas à primeira “maneira” do escritor. Nesse limbo também estão *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874) e *Iaiá Garcia* (1878), todas apreciadas sob uma perspectiva romântica.

A despeito de a crítica, toda ela, ter estabelecido a recepção romântica de *Helena*, houve quem tivesse tido *insights* que apontaram para uma leitura diferente da convencional, que evidenciaram um potencial trágico no texto escrito por Machado. Entre os críticos que observaram tal potencial, estão Ronaldo de Melo e Souza, Roberto Schwarz, José Aderaldo Castelo, Regina Zilberman e Helen Caldwell. Eles, no entanto, ficaram apenas no terreno da sugestão, sem se aprofundarem naquilo que haviam percebido de estranho à repisada abordagem romântica feita até então. Esse “ir além” foi realizado pelo professor e pesquisador Eduardo Luz, que, no livro *O romance que não foi lido: Helena, de Machado de Assis* (2017), propõe uma leitura emancipada do viés romântico e bem mais machadiana. No entender de Eduardo Luz, Machado de Assis, ao escrever *Helena*, usou uma prática de composição denominada *aemulatio*, tendo como modelo, para a sua narrativa, três tragédias clássicas:

De fato, por dentro de *Helena*, numa espécie de baixo contínuo, circulam três tragédias clássicas, que constituem um hipotexto complexo do qual deriva o romance: *Coéforas*, de Ésquilo; *Electra*, de Sófocles; e *Electra*, de Eurípides. A rigor, em sua reelaboração dessas tragédias gregas, Machado procedeu a uma bricolagem: submeteu ao romance elementos que se disponibilizavam nas tragédias; refez suas combinações e, por lidar com um material já construído, explorou intensamente a imaginação. (LUZ, 2017, p. 20)

Partindo desse plano de fundo, Eduardo Luz encontrou em *Helena* um novo romance, de trama complexa e muito bem elaborada; ainda mais, encontrou um escritor já maduro e consciente do seu processo de escrita, um Machado que a crítica ortodoxa só reconheceria em obras posteriores, na chamada “segunda fase” do autor.

Ao exercer uma crítica que parte de uma leitura lenta e acurada, adentrando em camadas mais profundas do texto literário, fugindo de ditames preconcebidos, Eduardo Luz pôde enxergar o seguinte: “*Helena* é uma história que se articula pelo senso de vingança da protagonista, derivado de tensões emocionais latentes, misteriosas, que ela nutre por seu pai biológico” (LUZ, 2017, p. 21). O pesquisador, na verdade, sugere a existência de sentimentos incestuosos entre pai e filha. A partir de uma análise minuciosa da narrativa, ele garimpou diversos elementos textuais e discursivos que corroboram a sua leitura heterodoxa. Entre tantos elementos examinados com fôlego e erudição, o que mais se destaca é a identificação de um hipotexto: as já citadas três tragédias gregas que servem de esteio para a

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestrando do programa de pós-graduação em Letras da mesma universidade. E-mail: [peixotohenrique.oli@gmail.com](mailto:peixotohenrique.oli@gmail.com)

produção desse romance moderno; elas são fundamentais para a compreensão da nova leitura proposta por Eduardo Luz.

Na esteira dessa leitura crítica que mantém um corpo a corpo com o texto, “entrevendo uma camada subjacente à camada superficial da obra” (LUZ, 2017, p.20), propomo-nos, neste ensaio, desenvolver alguns *insights* que tivemos durante a leitura do romance *Helena*, os quais acrescentam, ao estudo de Eduardo Luz, elementos que contribuem para assentar ainda mais a proposta por ele desenvolvida.

À tradição clássica das tragédias gregas, que funciona como base da narrativa de *Helena*, queremos somar a tradição cristã, principalmente no que se refere às narrativas meditadas pelos cristãos na liturgia da Quaresma e da Semana Santa, que antecede o primeiro domingo de Páscoa. É importante salientar que Eduardo Luz já havia encontrado alguns aspectos da tradição cristã em *Helena*, no entanto procuraremos desenvolvê-los com maior demora, além de indicarmos outros. Tendo o enredo do romance em mente, sigamos.

Antes de tudo, é necessário explicarmos algo do qual dependerá o entendimento de outras relações que estabeleceremos mais à frente; trata-se da profunda união que há entre Helena e seu pai, Salvador. Helena alimenta um amor exacerbado pelo pai. A ligação entre eles é tão intensa que cumprem e atendem a uma só vontade comungada pelos dois, a vontade de estarem sempre juntos. Além disso, como observou Eduardo Luz, Salvador e Helena são “profundamente assemelhados pela concepção moral e pelo comportamento” (LUZ, 2017, p.128); isso podem assegurar os poetas: “transforma-se o amador na coisa amada” (CAMÕES, 2013, p. 36); desejam “o impossível ser de um em dois” (PONTES, 1982, p.55).

Conforme o que acabamos de expor, Salvador e Helena, em vontade, são um só ser. Isso também se vê na relação existente entre Cristo e sua mãe, Maria. No entanto, ao passo que estes mantêm um amor castíssimo e santo entre mãe e filho, entre criatura e criador (pois Jesus é Deus), aqueles mantêm um sentimento incestuoso. Sobre a intensa ligação que há entre Jesus e Maria, ensina-nos São Luís Maria Grignon de Montfort:

Maria está toda transformada em Deus [Cristo] pela graça e pela glória, que transformam n’Ele todos os santos. Por isso não pede, não quer, não faz nada que seja contrário à eterna e imutável vontade de Deus [...]. Ele não resiste nunca à oração de sua diletta Mãe, porque é sempre humilde e conforme a sua vontade. (MONTFORT, 2002, p. 30)

É tão estreita a comunhão espiritual que há entre Maria e seu divino filho que “o papel de Maria para com a Igreja é inseparável de sua união com Cristo, decorrendo diretamente dela (dessa união). ‘Esta união de Maria com seu filho na obra da salvação manifesta-se desde a hora da concepção virginal de Cristo até sua morte’” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2011, p.272). Vemos que a união entre Cristo e sua Mãe faz parte da obra de salvação; assim Maria é cooperadora do plano divino na *Economia da Salvação* do gênero humano, que tem seu ápice no Tríduo Pascal, o qual ocorre após a Quaresma, período a que já fizemos alusão. É interessante notar que, no romance de Machado, também existe um plano, porém é um projeto de vingança orquestrado por Helena, que, a certa altura da narrativa, conta com a cooperação de Salvador. Neste projeto, busca-se a redenção de Helena das tiranias de Estácio, naquele busca-se a redenção do homem do pecado. O paralelo ora traçado entre Jesus/Maria e Salvador/Helena pode parecer um tanto exagerado, porém dele decorre a compreensão das relações que serão mostradas adiante. Podemos dizer que aquilo que em Salvador, pai de Helena, remeter a Cristo também poderá muitas vezes ser tomado para sua filha e vice-versa, ou seja, toda simbologia que cerca Jesus servirá, num

dado momento, para referir-se a Salvador e, em outro, a Helena. É por isso que insistimos na evidência da forte união entre filha e pai, pois ela acontece inclusive no fato de os dois estarem ligados simbolicamente à figura de Cristo.

No romance, a primeira referência ao tempo da Quaresma (tempo em que Jesus esteve sozinho no deserto, preparando-se para a cruz), aparece no capítulo III, de forma indireta, quando Helena e Estácio estão no gabinete do conselheiro Vale. Lá fora:

O dia começava a aquecer. O arvoredor dos morros fronteiros estava coberto de flores de quaresma, com suas pétalas roxas e tristemente belas. O espetáculo ia com a situação de ambos. Estácio deixou-se levar ao sabor de suas recordações da meninice (ASSIS, 1999, p.23)

A quaresmeira é uma planta que tem dois períodos de floração: entre janeiro e abril (período da quaresma) e entre junho e agosto. Sabemos que a cena acontecida entre Helena e seu meio-irmão não se passou no primeiro período de floração, pois Helena chegou à casa dos Vale “semanas depois” (ASSIS, 1999, p.19) da morte do conselheiro, sucedida no dia 25 de abril de 1850. Talvez fosse junho o mês em que se deu tal encontro no gabinete. Àquela data, já havia passado o tempo da Quaresma no calendário, porém era iniciada a quaresma de Helena, durante a qual ela iria viver um deserto interior, sujeita às provações diárias de estar como uma usurpadora entre os membros daquela família, experimentando o jejum da presença do pai que tanto amava. Acrescentamos ainda o seguinte dado: a cor da flor de quaresmeira é roxa, a mesma da paramentação usada pela Igreja na liturgia da Quaresma ou nas missas pelos mortos.

Salvador também vivera a sua quaresma. Ele se refere a ela no capítulo XXI, no momento em que tenta convencer Estácio de seu estado de pobreza, fazendo-o crer que ele recebia ajuda de Helena por um ato de caridade: “[...] tenho algumas alegrias, no meio de minha perpétua quaresma; e essas recebo-as de mãos caridosas e puras” (ASSIS, 1999, p. 115). A solidão pela qual passava Salvador desde o seu afastamento de Helena, ainda na infância dela, era a sua perpétua quaresma.

Voltemos agora a alguns momentos antes, quando Estácio entra na casa da bandeira azul após ter visto Helena sair de lá. Aproveitando que suas mãos estavam feridas por espinhos, o rapaz foi bater à porta a fim de pedir um pouco de água para lavar-se; dessa maneira sondaria o que ali encontrasse. Depois de entrar, examinou a sala em que se achava:

[...] sobre a mesa um vaso de louça com flores, e na parede dois pequenos quadros cobertos de escumilha encardida, tais eram as alfaías da sala. Só as flores davam ali um ar de vida. Eram frescas, colhidas de pouco. Atentando nelas, Estácio estremeceu: pareceu-lhe reconhecer uma acácia plantada em sua chácara (ASSIS, 1999, p. 112)

Notemos que, na parede, havia dois pequenos quadros cobertos. Esse fato nos remete a uma antiga tradição da Igreja que mantinha, até a publicação do Missal Romano de 1962, o costume de cobrir as imagens sacras nos dias que precediam a Paixão do Senhor. É interessante atentarmos para o significado que a Igreja dava a esse costume: “Ao velar o crucifixo, até a Sexta-feira Santa, e as imagens dos santos, até a Vigília Pascal, a Igreja antecipa o luto pela morte de seu Senhor, incutindo nos fiéis uma mortificação à sua visão” (AZEVEDO JR, 2017, referência conseguida em meio eletrônico). Os dois quadros cobertos parecem antecipar o fim trágico de Helena.

A presença, na sala, das flores de acácia nos remete a várias simbologias da tradição

judaico-cristã. Segundo o livro *Guia de símbolos* (2015), a acácia tinha importante significado nas exéquias dos judeus, “a árvore teve destaque no funeral de Hirão Abiff, o construtor do templo de Salomão: ramos de acácia foram depositados no túmulo de Hirão” (BLANC, 2015, p.11). A casa da bandeira azul era o túmulo de Salvador, simbolicamente morto duas vezes; assim, Helena fora levar as flores de acácia para o “jazigo” do pai. A morte simbólica de Salvador é expressa, na primeira vez, pelo conselheiro Vale, quando, convencido por Ângela, diz à Helena (esta ainda criança) que Salvador havia morrido; na segunda vez, pelo próprio Salvador, quando, também coagido por Ângela, pede à filha (já com doze anos) que o considerasse um homem morto.

Além de a acácia ter essa simbologia fúnebre, ela também pode significar resistência e perenidade (BUNN, 2012, p. 53), por ter uma madeira muito durável e por manter-se sempre verde, apesar de crescer em ambientes geralmente desérticos; daí os judeus associarem-na à imortalidade (BLANC, 2015, p. 10). Essas características podem ser tomadas para descrever Helena e Salvador; vejamos isso a seguir.

Assim como a acácia cresce solitária no deserto, também Helena cresceu solitária em sua segunda infância, órfã de pai e de mãe vivos, internada num colégio em Botafogo; embora crescida nessa solidão, mantinha sempre a beleza e o viço, como uma acácia em terreno árido. Salvador também é uma acácia do deserto. Ele viveu afastado da filha por muito tempo numa triste solidão; apesar de lhe terem tirado simbolicamente a vida, persistia vivo e lutava por estar junto de Helena; tinha ainda um aspecto físico forte e jovial, como percebera Estácio: “o pescoço cheio e forte surgia dentre dois ombros largos, e, pela abertura da camisa, que um lenço atava frouxamente na raiz do colo, podia Estácio ver-lhe a alva cor e a rija musculatura” (ASSIS, 1999, p. 112). A acácia ainda tem por característica abrir as suas folhas com a luz do sol do amanhecer (BUNN, 2012, p. 53), justamente o horário em que Helena sempre ia visitar Salvador. Quanto aos espinhos da acácia, Salvador e Helena também os tinham: era a dor de estarem separados. Talvez, naquela manhã, Estácio reconheceria em Salvador uma semelhança com certa “acácia plantada em sua chácara” (ASSIS, 1999, p. 112), sua meia-irmã Helena.

Outro aspecto importante acerca da acácia deve ser destacado: a madeira usada para a confecção da cruz de Cristo teria sido dessa árvore. Eduardo Luz já o tinha percebido:

Da árvore da acácia, especificamente de sua madeira, há referências na Bíblia. E um detalhe não desprezível: a cruz de Cristo – que teria sido feita com a madeira de acácia – consta na tradição ter sido encontrada pela mãe de Constantino, o primeiro imperador cristão, que foi canonizada e é venerada como Santa... Helena (LUZ, 2017, p. 146)

Há uma relação entre Santa Helena e a Acácia que ainda pode ser apreendida a partir de *Helena*, de Machado de Assis. Busquemos uma passagem que se encontra no capítulo IX do romance:

Havia no coração de D. Úrsula uma fonte de ternura, que Helena devia tocar, para jorrar livre e impetuosamente. A dedicação, em tal crise, foi a vara misteriosa daquele Horeb. A afeição da tia era até então frouxa, voluntária e deliberada. Depois da modéstia, avultou espontânea. A experiência do caráter da moça dera esse resultado inevitável (ASSIS, 1999, p. 54)

Como ressalta Eduardo Luz, “o trecho acima citado faz referência à vara com que Moisés bateu na rocha do monte Horeb, fazendo com que a água jorrasse para os judeus, num episódio bíblico do Livro do Êxodo” (LUZ, 2017, p. 82); este evento marca a Páscoa

dos Judeus. Há, no Horeb, um mosteiro, cuja origem remonta ao século III, que abriga uma capela construída em volta de uma sarça. No site oficial do mosteiro, pode-se ler: “The Augusta Helen went to Jerusalem in the year AD 327, and the monks of Sinai appealed to her for the construction of a church at the site of the Burning Bush. This chapel is sometimes referred to as the Chapel of Saint Helen, and is dated to the year AD 330.” (SINAYMONASTERY, 2017, referência conseguida em meio eletrônico). A Igreja construída no Horeb por ordem de Santa Helena protege, ainda hoje, uma sarça que os monges acreditam ser a verdadeira sarça ardente vista por Moisés em seu primeiro diálogo com Deus; “é provável que a sarça ardente que Moisés encontrou no deserto fosse a acácia” (BLANC, 2015, p. 10).

Ainda no capítulo XXI, podemos ver o trabalho de adaptação do texto bíblico feito por Machado de Assis para sua narrativa:

Voltou o dono da casa [Salvador], trazendo nas mãos uma bacia, e nos braços uma toalha cuja alvura contrastava singularmente com a cor da parede e o aspecto senil da casa. Estácio ergueu-se.

– Deixe-se estar, disse o desconhecido [Salvador].

– Estou perfeitamente bem.

– Nesse caso, faça o favor de chegar à janela.

A bacia foi posta na janela; o desconhecido quis lavar ele próprio a mão do hóspede [Estácio]; o moço não lho consentiu (ASSIS, 1999, p. 112)

Nesse excerto, há o aproveitamento da cerimônia litúrgica do lava-pés. Machado utiliza o repertório existente nessa narrativa do Tríduo Pascal celebrado pela Igreja, reconfigurando-o ao seu texto. Assim, na cena:

Há hóspede e anfitrião, há bacia de água, há a intenção de o dono da casa lavar – já não os pés, mas as mãos – do hóspede; por fim, há um... Salvador (acrescentamos, ainda, que na cena encontram-se “espinhos”, aqui deslocados de certa frente para mãos demasiado humanas). Ao contrário do que ocorre no ritual do lava-pés, no entanto, o ato de lavar-mãos pretendido por Salvador corresponderia a uma prova de humildade falsa. Estácio o recusou, não por haver percebido a malícia, somente por compostura de classe (LUZ, 2017, p. 147)

Curiosamente, Santa Helena teria praticado o gesto de lavar as mãos das virgens consagradas a Deus antes de servir-lhes um banquete. Fazia isso como ato de humildade e de caridade. Em sua estadia na Terra Santa, praticou esse sinal de piedade, como atesta o Padre Rohrbacher em seu livro *Vidas dos Santos*:

Ela [Santa Helena] permaneceu ainda alguns dias na Palestina e, entre outros sinais de piedade, prestou grande honra às virgens consagradas a Deus, pois, tendo-as reunido e mandado sentar-se sobre vários tapetes, serviu-as à mesa, tendo ela mesmo o jarro e a bacia para lhes lavar as mãos trazendo as iguarias, vertendo o vinho e apresentando-o para beber (ROHRBACHER, 1959, p. 38)

O rito do lava-pés tem lugar na liturgia do Tríduo Pascal na Quinta-feira Santa, dia em que a Igreja também celebra a instituição da Sagrada Eucaristia, Corpo e Sangue de Cristo. Logo após a cena em que Salvador oferece-se para lavar as mãos de Estácio, é servido o almoço. Vejamos os alimentos que são oferecidos a Salvador:

A porta abriu-se e apareceu uma preta velha trazendo nas mãos uma bandeja. A criada estacou



a meio caminho.

- Põe em cima da mesa, disse o dono da casa. É meu almoço, continuou ele, voltando-se para Estácio; almoço parco e higiênico. Ousarei oferecer-lho?
- Estácio fez um gesto negativo, e dispôs-se a sair.
- Já! Não é meu intento despedi-lo; almoçarei conversando. Vivo tão solitário que a presença de alguma pessoa é para mim um encanto...
- Estácio aceitou sem dificuldades o convite; sentou-se defronte do homem, ao pé da mesa, e assistiu ao almoço, que não podia ser mais escasso: um pão, duas hóstias de queijo duro e uma chávena de café. (ASSIS, 1999, p. 114)

Duas palavras no texto nos direcionam ao rito da Sagrada Eucaristia: *pão e hóstias*. Ali há também um “banquete”, um sentar-se à mesa e alguém que quer partilhar o alimento. Todas essas imagens estão presentes no ritual de instituição da Sagrada Comunhão. São João Paulo II, na carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, escreve que, na celebração da eucaristia, “os olhos da alma voltam-se para o Tríduo Pascal: para o que se realizou na noite de Quinta-feira Santa, durante a Última Ceia, e nas horas sucessivas. De fato, a instituição da Eucaristia antecipava, sacramentalmente, os acontecimentos que teriam lugar pouco depois” (JOÃO PAULO II, 2006, p. 5). O Papa se refere à paixão e à morte de Cristo que aconteceriam horas depois da Última Ceia. Ora, no romance de Machado de Assis, a imagem eucarística evocada prenuncia também um sacrifício: a morte de Helena.

Durante a conversação mantida naquela manhã entre Salvador e Estácio, este sugere retribuir o favor prestado por Salvador com algo que pudesse tirá-lo daquela situação de pobreza. O pai de Helena, porém, recusa a oferta:

- Entendeu-me mal; o meu óbolo não seria na espécie a que o senhor alude. Tenho amigos e alguma influência; poderia arranjar-lhe melhor posição.
- O desconhecido [Salvador] refletiu um instante.
- Aceitaria? perguntou Estácio.
- Estou pensando na maneira de recusar. Ouro é o que ouro vale. Eu vexar-me-ia eternamente de dever qualquer melhora da sorte ao cumprimento de um dever de caridade. (ASSIS, 1999, p. 115-116)

A recusa de Salvador à oferta de Estácio aproxima essa cena a outra, que se passara com Cristo no deserto. Entre as três tentações enfrentadas por Jesus, numa delas Satanás oferece-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, dizendo que tudo aquilo lhe daria, se Jesus se prostrasse e o adorasse. Nas duas situações há um tentador que põe à prova alguém que está em situação de pobreza. Ambos os tentadores fazem isso para testar a humildade e a resistência do tentado.

A última parte do romance, na qual queremos apontar outros elementos da tradição cristã, tem início no capítulo XXIV, quando Estácio e Melchior vão ter com Salvador para tirar-lhe a explicação a respeito da carta enviada por ele a Helena:

- Sabe que motivo nos traz a sua casa?
- Não, senhor.
- Confessa a autoria desta carta?
- Salvador estremeceu; depois respondeu com um gesto afirmativo.
- Pretende que Helena é sua filha, disse o moço depois de um instante. Confirma verbalmente o que escreveu?
- Helena é minha filha.
- Melchior interveio.
- Há um ano, falecendo, o meu velho amigo conselheiro Vale reconheceu Helena [...]. O fato

---

do reconhecimento e as circunstâncias que apontou, dão toda a veracidade à palavra do morto. Que prova apresenta o senhor em contrário a ela? (ASSIS, 1999, p. 134)

Em seguida, Salvador irá contar a “verdadeira” história de Helena, com a intenção de livrar a filha do infortúnio precipitado sobre ela, para depois fugir daquele lugar. Antes de prosseguirmos, chamamos a atenção do leitor para a marcação temporal feita na fala de Melchior: “Há *um ano*, falecendo, meu velho amigo...”, ou seja, estamos do mês de abril de 1851, provavelmente tempo da Quaresma.

O interrogatório pelo qual passa Salvador pode ser associado aos julgamentos enfrentados por Jesus Cristo. Em ambos os casos temos a presença de duas espécies de autoridade: uma religiosa e outra temporal. Como sabemos, Jesus passa por dois julgamentos: o primeiro no Sinédrio, na presença do Sumo Sacerdote, Caifás, e dos outros ali reunidos; e o segundo no Pretório, na presença de Pilatos. Em *Helena*, o poder religioso é assumido por padre Melchior, que em outro momento autoproclamara-se: “eu sou a voz da verdade” (ASSIS, 1999, p.93), na realidade ele é o grande egoísta da história. O poder temporal está representado em Estácio, que possui uma linhagem aristocrática de prestígio, pois seu pai possuía “um título honorífico imperial”, o de conselheiro, e seu avô tinha sido “um magistrado na corte do ‘último vice-rei’ do Brasil” (LUZ, 2017, p. 41).

Os sacerdotes do Sinédrio desejavam a morte de Cristo; Melchior também desejava uma morte, a de Helena:

No meio daquela família arriscada a dispersar-se, Melchior considerava a superioridade da morte sobre alguns lances terríveis da vida. Se o óbito de Helena tomara o lugar da carta, a dor seria violenta, mas o irremediável desfecho e o consolo da religião teriam contribuído para sarar a alma dos que ficassem e converter o desespero de alguns dias na saudade da vida inteira (ASSIS, 1999, p. 133)

O egoísmo do sumo sacerdote Caifás, que não queria ver a sua autoridade abalada nem perder o prestígio do cargo que tinha, pareceu mover igualmente as ações de Melchior. Este chega até a pousar um *beijo de Judas* na fronte de Helena quando ela lhe pedira uma bênção. Sabemos que Melchior não só desejou a morte da filha de Salvador, como contribui para que isso acontecesse.

Outro aspecto interessante que se instala entre Salvador e a figura de Cristo é a oposição mentira *versus* verdade. Diante de Pilatos, ao ser questionado se era um rei, Jesus responde: “Sim, eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz”, ao que Pilatos diz: “O que é a verdade?...” (BÍBLIA, 2017, p. 1409). A verdade referida por Cristo, da qual ele dá testemunho, se opõe ao depoimento de Salvador acerca da história de Helena, o qual está repleto de “inaceitáveis falseamentos” ou de “inconsistências comprometedoras” (LUZ, 2017, p. 177). O silêncio de Cristo diante do questionamento de Pilatos também se contrapõe ao arrazoado de minúcias proferidas por Salvador; este não tinha a verdade completa consigo, aquele era a completa testemunha da verdade. É interessante compararmos ainda as reações de Pilatos e de Estácio nos dois interrogatórios: o primeiro, mesmo estando frente a frente com a Verdade encarnada, não acreditou nela; o segundo, mesmo diante dos vários falseamentos e inconsistências do depoimento de Salvador, acreditou nele, e até ficou “visivelmente comovido” (ASSIS, 1999, p. 140).

Eis o repertório de *insights* que, no presente ensaio, já em via de conclusão, buscamos desenvolver. Machado de Assis, ao se valer da tradição cristã para escrever partes

significativas de seu romance, fez uso do expediente compositivo da bricolagem, técnica que promove o aproveitamento de elementos de um texto anterior que serão retrabalhados de maneira inventiva em um novo texto. O autor de *Helena* fez isso com maestria, pois era dono de uma engenharia retórica “exploradora de desmontes e de reciclagens orientadas por sua imaginação” (LUZ, 2017, p. 80). Os dados colhidos na tradição cristã foram, no entanto, submetidos ao todo da obra, que é permeada, principalmente, pela tradição clássica das tragédias gregas.

Procuramos assumir aqui o papel dos “leitores que gostam de ir além”, tão requisitados no livro de Eduardo Luz. Esperamos que as luzes acesas neste nosso estudo possam dissipar ainda mais as sombras da recepção romântica que persistem sobre *Helena*, de Machado de Assis.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. *Helena*. Apresentação de Vera Moraes. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.
- AZEVEDO JR, Paulo Ricardo de. *Por que cobrimos as imagens sacras na quaresma?*. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/por-que-cobrimos-as-imagens-sacras-na-quaresma>. Acesso em: 9 dez. 2017.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave Maria*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.
- BLANC, Claudio. *Guia de símbolos*. São Paulo: On line Editora, 2015.
- BUNN, Karl. *Glossário da medicina oculta de Samael Aun Weor*. Curitiba: Edisaw, 2012.
- CAMÕES, Luís de. *Sonetos*. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LUZ, Eduardo. *O romance que não foi lido: Helena, de Machado de Assis*. Fortaleza: Edições UFC, 2017.
- MONTFORT, São Luís Maria Grignon de. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria*. Anápolis: Opus Cordis Marie, 2002.
- PONTES, Roberto. *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Fortaleza: Secretaria de Educação e Cultura do Município de Fortaleza, 1982.
- ROHRBACHER, Padre. *Vidas dos Santos*. São Paulo: Editora das Américas, 1959.
- SINAYMONASTERY. Inglês. *Sinai monasticism*. Disponível em: <http://www.sinaymonastery.com/index.php/en/history/sinai-monasticism>. Acesso em: 9 dez. 2017.